

(Org.)

# Marlon Salomon

## História, verdade e tempo



# História, verdade e tempo

Marlon Salomon (Org.)

  
ARGOS  
Editora da UnoChapecó  
Chapecó, 2011



Reitor: Odilon Luiz Poli

Vice-Reitora de Ensino, Pesquisa e Extensão: Maria Luiza de Souza Lajús

Vice-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Claudio Alcides Jacoski

Vice-Reitor de Administração: Sady Mazzioni

Diretor de Pesquisa e Pós-Graduação *Stricto Sensu*: Ricardo Rezer

Este livro ou parte dele não podem ser reproduzidos por qualquer meio sem autorização escrita do Editor.

---

901 História, verdade e tempo / Marlon Salomon (Org.) –  
H673h Chapecó, SC : Argos, 2011.  
374 p. (Grandes Temas ; 14)

Inclui bibliografia.  
Contém artigos traduzidos.  
ISBN: 978-85-7897-032-1

1. História. 2. Filosofia. I. Título.

CDD 901

---

Catálogo elaborado por Caroline Miotto CRB 14/1178  
Biblioteca Central da Unochapecó



Todos os direitos reservados à  
Argos Editora da Unochapecó

Av. Atílio Fontana, 591-E – Bairro Efapi – Chapecó (SC) – 89809-000 – Caixa Postal 1141  
(49) 3321 8218 – [argos@unochapeco.edu.br](mailto:argos@unochapeco.edu.br) – [www.unochapeco.edu.br/argos](http://www.unochapeco.edu.br/argos)

Conselho Editorial:

Rosana Maria Badalotti (presidente), Carla Rosane Paz Arruda Teo (vice-presidente),  
César da Silva Camargo, Érico Gonçalves de Assis, Maria Assunta Busato,  
Maria Luiza de Souza Lajús, Murilo Cesar Costelli, Ricardo Rezer,  
Tania Mara Zancanaro Pieczkowski

Coordenadora:  
Maria Assunta Busato

## Sumário

Prefácio – Dissonância e Anacronia	07
<i>Durval Muniz de Albuquerque Júnior</i>	
Apresentação	17
<i>Marlon Salomon</i>	
O conceito de anacronismo e a verdade do historiador	21
<i>Jacques Rancière</i>	
Foucault, Canguilhem e os monstros	51
<i>François Delaporte</i>	
História, verdade e interpretação a partir da crise dos paradigmas	75
<i>Carlos Oiti Berbert Júnior</i>	
Por que se escrevia história? Sobre a justificação da historiografia no mundo ocidental pré-moderno	105
<i>Arthur Assis</i>	
O real dá-se ao olhar: perspectiva e visualização da verdade nas imagens da Renascença	133
<i>Henrique Luiz Pereira Oliveira</i>	

História, Desconstrucionismo e Relativismo: notas para uma reflexão contemporânea <i>Aarón Grageda Bustamante</i>	155
Existência e visão alegórica <i>Luiz Sérgio Duarte da Silva</i>	185
Bachelard: verdade e tempo <i>José Ternes</i>	215
Aristóteles e o fracasso de Tucídides <i>Mônica Costa Netto</i>	235
Pode-se melhorar o ontem? Sobre a transformação do passado em história <i>Jörn Rüsen</i>	259
Tempo e verdade. Proposta de critério para um conhecimento histórico confiável <i>Estevão de Rezende Martins</i>	291
Afrontar o perigo: a questão da história da verdade <i>Marlon Salomon</i>	323
A verdade entre a ficção e a história <i>Roger Chartier</i>	347
Sobre os autores	371

# Apresentação

Marlon Salomon

História, verdade e tempo: três linhas precisas que podem ser tomadas a partir de múltiplas perspectivas. Para os matemáticos gregos, por exemplo, as linhas paralelas, num mesmo plano, não possuíam nenhum ponto em comum. História, verdade e tempo, no plano a partir do qual se concebeu este livro, não são tomados como três linhas paralelas de reflexão, abordagem e tematização. Elas se encontram entrecruzadas, imbricadas, conectadas. Não por simples opção editorial ou por egoísmo pessoal de seu organizador. Como gênero, a história aparece, no mundo antigo, entrelaçada à verdade e ao tempo: cabia ao tempo sancionar a verdade da história.

Não se trata de dizer que a história, tal como a conhecemos desde o século XIX, como disciplina rigorosa que alçou *status* de ciência humana, prolongue ou estenda linearmente este nó atado na Antiguidade ou que a via da razão histórica seja única e exclusiva, mas que a transformação de um destes conceitos reverbera na maneira como elas se encontram articuladas. Trata-se de considerar o que esteve implicado no momento em que se relacionou, no mundo antigo, a verdade ao discurso histórico, e as transformações dessa

relação na modernidade; de considerar o modo como uma certa ligação se estabeleceu no momento em que se definiu que as ações humanas deveriam ser pensadas a partir de seu encadeamento no tempo e de como daí se armou um jogo com a verdade. Poderíamos pensar se todos os debates, todas as guerras que dividiram o campo historiográfico nas últimas décadas, não se relacionam, de algum modo, a essas reverberações.

Nosso objetivo é insinuarmo-nos neste território e não fixar nele os marcos que devem determinar o movimento do pensamento. Isso porque este livro não parte de um sonho dogmático: ele não pretende reduzir a multiplicidade de perspectivas sobre estas articulações àquela que, definitivamente verdadeira, selaria finalmente o desentendimento epistêmico que explica a existência dessa pluralidade. Há um bom tempo, a história abdicou do ideal epistemológico da paz dos cemitérios ou do ideal militar de impor à força a paz no território historiográfico: já não se vê mais no desentendimento epistêmico o inferno a aplacar. Isso não significa afirmar que seus autores, aqui, hesitam. Ao contrário. Mas daí e, sobretudo, do conjunto desta obra não decorre uma atitude didática frequente nos livros que se dedicam, em nossos dias, à reflexão sobre a escrita da história: a de tutelar o leitor. Cabe apenas ao leitor, em sua maioridade, tratar e dialogar com essa multiplicidade de perspectivas.

Este livro reúne contribuições de historiadores e filósofos. Contudo, não se trata de filosofia da história ou de um esforço em se extrair princípios gerais da racionalidade historiadora. Embora se reconheça a singularidade destas duas figuras do saber, as fronteiras entre elas se encontram aqui embaralhadas. É que o reconhecimento da precibilidade da verdade no tempo acaba por elidir o caráter segmentário das fronteiras epistemológicas, a partir do

qual, até ontem, estas disciplinas subtraíam-se entre si em função da dignidade dos tipos de objetos de que se ocupavam. Assim, era a própria dignidade de seu objeto que opunha a filosofia (o universal, o necessário) à história (o acontecimento, a contingência). A partir do momento em que se reconhece o caráter histórico do tempo e da verdade, o próprio solo que estas disciplinas ocupavam se vê transformado. Portanto, este livro é signo desse encontro entre a história e a filosofia.

Ele não tem a pretensão de esgotar a reflexão sobre as relações entre a história, a verdade e o tempo, tampouco de fixar as leis que devem reger essas relações. Os modos de tematização e os caminhos percorridos aqui por seus autores são múltiplos e não necessariamente convergentes. Pluralidade e dissonância, eis o que o leitor aqui encontrará. O objetivo é contribuir com as discussões que relacionam a verdade e o tempo à história, seja através de análises monográficas sobre determinado autor, seja por meio da abordagem de determinados problemas, seja pelo enfoque de determinadas questões. Assim, toda uma série de temas, noções e conceitos que coexistem com essa relação são, direta ou indiretamente, objeto de estudo: objetividade, subjetividade, relativismo, normas e regras, realismo, representação, signos, sentido, linguagem, discurso, poesia, literatura, ficção, retórica, saber, ciência, conhecimento, racionalidade, ceticismo, dogmatismo, historiografia, modernidade, tradição, memória, passado/futuro, crítica das fontes, exemplaridade, facticidade, finitude, eternidade, mentira, falsidade e ilusão. O que a leitura deste livro propõe é antes um exercício: aquele de uma relação com múltiplas perspectivas de problematização e tematização de um importante nó de pensamento de nossa contemporaneidade.

## Argos Editora da Unochapecó

Título	História, verdade e tempo
Organizador	Marlon Salomon
Coleção	Grandes Temas
Coordenadora	Maria Assunta Busato
Assistente editorial	Alexsandro Stumpf
Assistente de vendas	Neli Ferrari
Secretaria	Leonardo Favero
Divulgação, distribuição e vendas	Neli Ferrari Eduardo Weschenfelder Luana Paula Biazus Renan Klaus Alves de Souza
Projeto gráfico e capa da coleção	Alexsandro Stumpf
Capa	Alexsandro Stumpf
Diagramação	Caroline Kirschner Sara Raquel Heffel
Preparação dos originais	Araceli Pimentel Godinho
Revisão	Carlos Pace Dori Araceli Pimentel Godinho Lúcia Lovato Leiria
Formato	16 X 23 cm
Tipologia	Minion Pro entre 10 e 14 pontos
Papel	Capa: Supremo 250 g/m <sup>2</sup> Miolo: Pólen Soft 80 g/m <sup>2</sup>
Número de páginas	374
Tiragem	800
Publicação	julho de 2011
Impressão e acabamento	Gráfica e Editora Pallotti – Santa Maria (RS)

## Sobre os autores

**Aaron Grageda Bustamante** é doutor em História pela Universidade de Witten-Herdecke, na Alemanha, e professor do Departamento de História e Antropologia da Universidade de Sonora, México. Publicou recentemente *Vindicación. Nuevos enfoques sobre la condición retórica, literaria y existencial de las fuentes históricas* (México: Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, 2009).

**Arthur Assis** é doutor em História pela Universidade de Witten-Herdecke, na Alemanha, e professor do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília. É autor de *A teoria da história de Jörn Rüsen: uma introdução* (Goiânia: EdUFG, 2010).

**Carlos Oiti Berbert Júnior** é doutor em História pela Universidade de Brasília e professor da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás.

**Estevão de Rezende Martins** é doutor em Filosofia e História pela Universidade de Munique (Ludwig-Maximilians) e professor

titular do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília. É autor de *Cultura e Poder* (2. ed. São Paulo: Saraiva, 2007) e *Brasil-América do Sul-União Européia: anos 2010-2020* (Rio de Janeiro: Fundação Adenauer, 2009).

**François Delaporte** é doutor em Filosofia e História das Ciências pela Universidade de Paris I (Sorbonne). É professor de Filosofia na Universidade da Picardia Júlio Verne. Publicou recentemente *Figures de la médecine* (Paris: PUF, 2009) e *Anatomy of the passions* (Stanford: Stanford University Press, 2008).

**Henrique Luiz Pereira Oliveira** é doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e professor do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, onde coordena o Laboratório de Pesquisa em Imagem e Som. Com Marlon Salomon, publicou *A Decadência de Santa Catarina* (Florianópolis: EdUFSC, 2010).

**Jacques Rancière** é professor emérito de Estética e Política na Universidade de Paris VIII. É autor de mais de uma vintena de livros. Publicou recentemente *Le spectateur émancipé* (Paris: La Fabrique, 2008) e *O inconsciente estético* (Trad. de Mônica Costa Netto. São Paulo: 34, 2009).

**José Ternes** é doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo e professor titular da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Foi professor titular do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Goiás, pela qual se aposentou. É autor de *Michel Foucault e a Idade do Homem* (2. ed. Goiânia: EdUCG/EdUFG, 2009).

**Jörn Rüsen** é professor titular na Universidade Witten-Herdecke. Foi presidente do Instituto de Ciências da Cultura no Centro de Ciências da Renânia do Norte/Vestfália. É autor da trilogia *Teoria da História*, publicada no Brasil pela editora da Universidade de Brasília.

**Luiz Sérgio Duarte da Silva** é doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília e professor da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás. É autor de *Discurso e Prática Liberal nos Anos 30: o enigma dos anéis e dos dedos* (Goiânia: EdUFG, 2006) e *A construção de Brasília: Modernidade e Periferia* (Goiânia: EdUFG, 1997).

**Marlon Salomon** é doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina e professor da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás. É autor de *Arquivologia das Correspondências* (Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010) e organizador da obra coletiva *Alexandre Koyré, historiador do pensamento* (Goiânia: Almeida & Clément, 2010).

**Mônica Costa Netto** é bacharel e mestre em Filosofia pela Universidade de Paris VIII. Atualmente, leciona no Departamento de História da FFP-UERJ. Além de pesquisadora e professora de Filosofia e Francês, é tradutora. Traduziu *A partilha do sensível: estética e política* (2005) e *O inconsciente estético* (2009), ambos de Jacques Rancière, publicados pela Editora 34.

**Roger Chartier** foi diretor de estudos na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, em Paris, entre 1984 e 2006. Desde 2007, é professor do *Collège de France*. É autor de mais de uma vintena

de livros. Seus últimos livros traduzidos no Brasil são *Inscriver & Apagar* (Trad. de Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: EdUNESP, 2007), *A história ou a leitura do tempo* (Trad. de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2009) e *Roger Chartier – a força das representações: história e ficção* (Organizado por João Cezar de Castro Rocha. Chapecó: Argos, 2011).

**Este livro está à venda:**



[www.unochapeco.edu.br/argos](http://www.unochapeco.edu.br/argos)



**LIVRARIA DA TRAVESSA**

[www.travessa.com.br](http://www.travessa.com.br)

**livraria cultura**

[www.livriacultura.com.br](http://www.livriacultura.com.br)

A análise das relações entre história, verdade e tempo constitui parte importante e polêmica do território historiográfico contemporâneo. O objetivo deste livro é de se insinuar neste território e apresentar a pluralidade que o compõe; não se busca, portanto, fixar os marcos que devem determinar o movimento do pensamento. Isso porque este livro não parte de um sonho dogmático: ele não pretende reduzir a multiplicidade de perspectivas sobre as articulações destas relações àquela que, definitivamente verdadeira, selaria finalmente o desentendimento epistêmico que explica a existência dessa pluralidade. Há um bom tempo, a história abdicou do ideal epistemológico da paz dos cemitérios ou do ideal militar de impor à força a paz no território historiográfico: já não se vê mais no desentendimento epistêmico o inferno a aplacar. Isso não significa afirmar que seus autores, aqui, hesitem. Ao contrário. Mas daí e, sobretudo, do conjunto desta obra não decorre uma atitude didática frequente nos livros que se dedicam, em nossos dias, à reflexão sobre a escrita da história: a de tutelar o leitor. Cabe apenas ao leitor, em sua *maioridade*, tratar e dialogar com essa multiplicidade de perspectivas.

